

## RECURSOS EXPRESSIVOS

MATERIAL ELABORADO/SISTEMATIZADO PELA PROFESSORA SUZANA LUZ

PODE SER USADO POR OUTROS PROFISSIONAIS, DESDE QUE FEITA A DEVIDA MENÇÃO A QUEM O PRODUZIU.

MATERIAL REGISTRADO. SUJEITO ÀS PENAS DA LEI DE DIREITOS AUTORAIS.

## IRONIA – DIZER ALGO COM O PROPÓSITO DE COMUNICAR MENSAGEM DIFERENTE.



## HIPÉRBOLE – EXAGERAR PROPOSITAMENTE O CONTEÚDO DE UMA MENSAGEM.



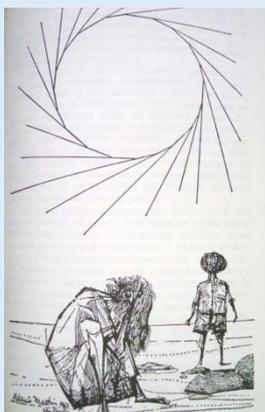
## EUFEMISMO – TENTATIVA DE AMENIZAR O CONTEÚDO DE UMA MENSAGEM.



## PROSOPOPEIA/PERSONIFICAÇÃO – ATRIBUIR ANIMAÇÃO A UM SER INANIMADO.



## ANIMALIZAÇÃO – MOSTRAR MARCAS NÃO HUMANAS EM PERSONAGENS HUMANOS.



Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera. (...)

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

Isso para ele era motivo de orgulho.

– Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades.

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

# ANTÍTESE – USAR ANTÔNIMOS PARA INDICAR UMA CONTRADIÇÃO.



# PARADOXO – EXPRESSAR UMA IDEIA QUE SE OPÕE A OUTRA IMEDIATAMENTE ANTERIOR.



# METÁFORA



## Nuvem Passageira (Hermes de Aquino)



Eu sou nuvem passageira Que com o vento se vai	Metáfora
Eu sou como um cristal bonito Que se quebra quando cai	Comparação
Não adianta escrever meu nome numa pedra Pois esta pedra em pó vai se transformar	
Você não vê que a vida corre contra o tempo	Personificação
Sou um castelo de areia na beira do mar	Metáfora
A lua cheia convida para um longo beijo	Personificação
Mas o relógio te cobra o dia de amanhã	Personificação/metonímia
Estou sozinho, perdido e louco no meu leito E a namorada analisada por sobre o divã	
Por isso agora o que eu quero é dançar na chuva Não quero nem saber de me fazer ou me matar Eu vou deixar um dia a vida e a minha energia	
Sou um castelo de areia na beira do mar	Metáfora

## **METÁFORA E METONÍMIA**



Metáfora: A palavra “rei” é metafórica, pois indica literalmente “bebê”, o qual será tratado como um “rei”.

Metonímia: São as relações de inclusão e de implicação com a parte (barriga) pelo todo (mãe), o efeito (barriga) pela causa (bebê) e o continente (barriga) pelo conteúdo (bebê).

## **METONÍMIA**

Como acontece com a metáfora, a leitura imediata de uma metonímia nos revela uma impertinência. O leitor tentará resolvê-la usando um algoritmo próprio para metonímias. Os elementos desse algoritmo são:

- substituto
- substituído
- relação de contiguidade
- decifração

Decifrar a metonímia consiste em chegar ao termo substituído, ou seja, ao referente que atende à dupla condição de ocupar a posição do substituto e manter com este uma relação de contiguidade. A decifração depende do contexto e deve ser pertinente a ele.

Um exemplo: *Leu Drummond*.

Substituto: *Drummond*

Relação de contiguidade: Drummond é autor das poesias.

Substituído: poesias de Drummond.

Decifração: *Leu poesias de Drummond*.

## Tipos de metonímia

As metonímias normalmente são classificadas pelo tipo de relação que vincula o substituído ao substituto. Alguns casos notáveis:

- 🏠 A parte pelo todo. Ex.: *Ficou sem teto*. Substituído: *casa*.
- 🌕 A espécie pelo indivíduo. Ex.: *O homem foi à Lua*. Substituído: *alguns astronautas*.
- 👴 O efeito pela causa. Ex.: *Respeite-lhe os cabelos brancos*. Substituído: *velhice*.
- 🇩🇪 A coisa por seu símbolo. Ex.: *A suástica paira sobre a Europa*. Substituído: *nazismo*.
- 🗣️ A coisa por um seu atributo. É a perífrase. Neste tipo de metonímia é comum o enunciado metonímico tornar-se símbolo do seu substituto. Ex.: *Poeta dos escravos*, *Cidade Luz*. Substituídos: *Castro Alves* e *Paris*.
- 🥛 O continente pelo conteúdo. Ex.: *Um litro de leite*.
- 🎨 O autor pela obra. Ex.: *Leiloaram um Portinari*. Substituído: *um quadro pintado por Portinari*.
- 🗣️ O local pela coisa. Ex.: *O Palácio do Planalto divulgou nota*. Substituído: *o porta-voz da Presidência*.
- 👤 O singular pelo plural: *O imigrante povoou o Norte*. Substituído: *os imigrantes*.
- 👕 A matéria pela coisa: *Trajava um pano de primeira*. Substituído: *roupa*.



## Delimitação da metonímia

Se apresentarmos alguns exemplos do que se entende por metonímia para uma pessoa que nunca estudou Retórica não será difícil, dali por diante, que ela identifique outras ocorrências de metonímia que lhe sejam apresentadas. É simples reconhecer intuitivamente uma metonímia, mas é muito difícil dar a ela uma definição compreensiva. Essa dificuldade decorre de questões como:

Dizer que uma metonímia se forma permutando a parte pelo todo é uma informação relevante, mas não suficiente para gerar metonímias adequadas, pois nem toda parte que substitui o todo produz o efeito desejado.

Exemplo: *Após o incêndio ficou sem casa*. Este enunciado pode ser substituído por uma metonímia: *Ficou sem teto*. Se a escolha da parte fosse arbitrária, poderíamos obter boas metonímias dizendo: *Ficou sem janela* ou *Ficou sem parede* ou *Ficou sem soalho*. Mas não é o que acontece.



É comum ouvirmos: *Leu Aristóteles*, mas já não se ouve *Queimou uma Edison* no lugar de *Queimou uma lâmpada*, embora *lâmpada/Edison* gozem da mesma relação obra/autor que existe nas metonímias válidas. Também não se diz *Amputou um dedo* no lugar de *Amputou uma mão* embora a relação *dedo/mão* seja do tipo parte/todo. Para a metonímia ser bem-sucedida algumas condições a mais precisam ser observadas.

Observando uma boa amostragem de metonímias, podemos induzir alguns tipos como: parte/todo, continente/conteúdo, obra/autor, etc. Cada tipo apresenta peculiaridades e é razoavelmente distinto dos demais, o que dificulta a redução da disparidade. Na metonímia *triste madrugada* há uma tradução bem

diversa da metonímia *um quilo de batatas*. Na primeira temos uma personificação, e na segunda, uma equivalência de quantidades.

### Efeito modificador da metonímia

Em princípio, no enunciado metonímico o substituto equivale em significação ao substituído. Só em princípio, pois, boa parte das metonímias não se sobrepõe perfeitamente em significado às suas decifrações. Analisemos o seguinte exemplo:

*Completo quinze anos.*

Completo quinze primaveras.

Completo quinze invernos.

O primeiro enunciado é a decifração das duas metonímias que lhe seguem. São metonímias do tipo parte pelo todo. A metonímia que usa 'primaveras' é bem comum. A metonímia que usa *invernos* não é adequada para substituir a que usa *primaveras*. Quando usamos a metonímia das *primaveras*, o discurso ganha um acréscimo de significação que não teria se fosse usado o enunciado não metonímico. Com a metonímia das *primaveras* a mensagem além de afirmar um fato dá um juízo de valor sobre o fato. A metonímia tem este potencial modificador da mensagem relativamente ao enunciado próprio.

A metonímia *O Brasil todo está clamando* não é equivalente por completo ao significado de *Os brasileiros todos estão clamando*. Nessa metonímia, o clamor se estende para além do seu sítio natural. Poderíamos dizer tratar-se de uma metonímia hiperbólica.

Alguns tipos de modificação notáveis que a metonímia pode operar:

**Redução:** na metonímia *Ficou sem teto*, a dimensão do fato que envolve a perda de uma casa fica reduzida ao seu aspecto mais dramático. Dizer *Ficou sem teto* está mais próximo de *Ficou desamparado* do que de *Ficou sem casa*.

**Ampliação:** na metonímia *O Brasil está clamando* procura-se amplificar a dimensão do fato.

**Agregado de conotação.** É o caso do exemplo *Completo quinze primaveras*.

### Interface entre metonímia e metáfora

Alguns casos de metonímia se assemelham à definição da metáfora.

Exemplo: *O homem foi à Lua*.



No exemplo, encontramos a metonímia. O substituto é homem enquanto espécie e o substituído é *alguns astronautas*. Também é plausível considerar o enunciado como uma metáfora. 'Homem' é um conceito semelhante a *alguns astronautas*. Na verdade todas as características de *homem* são pertinentes a *alguns astronautas*. O que descarta o enquadramento do enunciado como metáfora é a falta da intenção de comparar.

### Metonímia e sentido preferencial

Pela própria definição, a metonímia é um enunciado que pode ser substituído por um enunciado equivalente que admite leitura imediata.

Certos tipos de metonímia impuseram-se de tal modo que a forma não metonímica que os substitui nunca é usada. As metonímias do tipo continente-conteúdo são exemplo.

Uma garrafa de leite.  
Um pacote de biscoitos.  
*Uma caixa de tomates.*



Quem haveria de usar as formas:

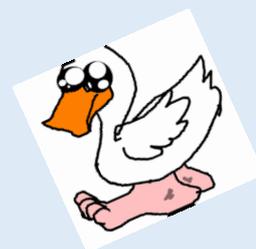
*Volume de leite que se contém em uma garrafa.*  
*Quantidade de biscoitos que cabem num pacote.*  
*Tomates em quantidade para encher uma caixa.*

O enunciado *um quilograma de carne* é mais pitoresco. Um enunciado para substituir a metonímia seria: *Quantidade de massa de carne idêntica à da massa do protótipo-padrão, armazenado no livro Internacional de Pesos e Medidas.* É uma metonímia do tipo: número de unidades de medida por quantidade. O que seria da concisão sem a metonímia num caso como este?

<http://radames.manosso.nom.br/linguagem/retorica/recursos-retorica/metonimia/>

## CATACRESE

Acordei com o pé esquerdo  
Calcei meu pé de pato  
Chutei o pé da cama  
Botei o pé na estrada  
Deu um pé de vento  
Caiu um pé d'água  
Enfiei o pé na lama  
Perdi o pé de apoio  
Agarrei num pé de planta  
Despenquei com pé descaço  
Tomei pé da situação  
Tava tudo em pé de guerra  
Tudo em pé de guerra (Palavra Cantada)



Leitura de apoio

O falar de todos os dias e as figuras de linguagem  
THAÍS NICOLETI DE CAMARGO

Engana-se quem imagina que as figuras de linguagem não aparecem nas construções próprias da fala cotidiana. Ao contrário disso, é nesse espaço de expressão que muitas delas têm seu campo mais fértil. Pode acontecer de não nos darmos conta de que estamos usando uma figura. A catacrese e a metonímia, por exemplo, nem sempre estão a serviço da poesia ou da publicidade e, por isso mesmo, acabam passando despercebidas.

A catacrese é uma espécie de metáfora obrigatória. Figura de substituição, aparece quando um termo é posto no lugar de outro com o qual guarda relação de analogia, tal qual uma metáfora, mas com uma peculiaridade:

seu uso está ligado a uma necessidade de adaptação decorrente, em geral, da falta de um termo próprio para a expressão.

É a catacrese que usamos em expressões como "orelha de livro" ou "dente de alho". O termo "engarrafamento", usado para designar o congestionamento de automóveis, ou o verbo "embarcar", usado no sentido de entrar no carro, no avião ou no trem, são exemplos de catacrese. O mesmo se pode dizer da expressão "casal gay", curiosa porque "casal", ao pé da letra, é um par formado por macho e fêmea. Nessa expressão, apagou-se o sentido de heterossexualidade a avivou-se o sentido de par unido por laços de afetividade.

### **Catacreses de uso corrente**

**bloco de carnaval**  
**cordão humano**  
**banana de dinamite**  
**casa de marimbondo**  
**embarcar no avião**  
**engarrafamento de veículos**  
**maçã do rosto ( no lugar de pômulos)**  
**árvore genealógica**  
**folha de papel**  
**cortina de fumaça**  
**asa da xícara**  
**coroa do abacaxi**  
**enterrar agulha na pele**  
**anel viário**  
**ponte aérea**  
**surfe ferroviário**

**leito do rio**  
**monte de dinheiro**  
**chumbar o quadro na parede**  
**bico da pena**  
**relógio (medidor de energia elétrica)**  
**fio de azeite (pouco de azeite)**  
**o avião aterrissou em alto-mar (aterrisar é em terra)**  
**o azulejo é branco (azulejo devia ser azul)**  
**encaixar uma ideia na cabeça (cabeça não é caixa)**  
**miolo da questão**  
**ventre da terra**  
**tapete de relva**  
**laços matrimoniais**

### **Catacreses referentes às partes do corpo:**

**céu da boca**  
**pé da mesa**  
**pé-de-meia**  
**pé de cabra**  
**pé de laranja**  
**pé-de-moleque**  
**costas da cadeira**  
**braço da poltrona**  
**braço do rio**  
**cabeça de alho**  
**cabeça de prego**  
**olho do furacão**  
**dente de serrote**  
**dente do pente**  
**orelha do livro**  
**cabelo do milho**  
**coração da cidade**  
**pele do tomate**  
**barriga da perna**  
**boca do fogão**  
**boca da noite**  
**boca da garrafa**  
**boca do túnel**  
**mão-de-vaca**  
**olho d'água**  
**língua de fogo**

## SINESTESIA

A Aníbal M. Machado

Carlos Drummond de Andrade

A dois passos da cidade importante  
a cidadezinha está calada, entrevada.  
(Atrás daquele morro, com vergonha do trem.)  
Só as igrejas  
só as torres pontudas das igrejas  
não brincam de esconder.

O Rio das Velhas lambe as casas velhas,  
casas encardidas onde há velhas nas janelas.  
Ruas em pé  
pé-de-moleque  
Pensão de Juaquina Agulha  
Quem não subir direito toma vaia...  
Bem-feito!

Ai tempo!  
Nem é bom pensar nessas coisas mortas, muito mortas.  
Os séculos cheiram a mofo  
e a história é cheia de teias de aranha.  
Na água suja, barrenta, a canoa deixa um sulco logo apagado.  
Quede os bandeirantes?  
O Borba sumiu,  
Dona Maria Pimenta morreu.

Mas tudo tudo é inexoravelmente colonial:  
bancos janelas fechaduras lampiões.  
O casario alastra-se na cacunda dos morros,  
rebanho dócil pastoreado por igrejas:  
a do Carmo - que é toda de pedra,  
a Matriz - que é toda de ouro.  
Sabará veste com orgulho seus andrajos...  
Faz muito bem, cidade teimosa!

Pernas morenas de lavadeiras,  
tão musculosas que parece foi o Aleijadinho que as esculpiu,  
palpitam na água cansada.

O presente vem de mansinho  
de repente dá um salto:  
cartaz de cinema com fita americana.

E o trem bufando na ponte preta  
é um bicho comendo as casas velhas.

A sinestesia é o cruzamento de sensações:

Rubras clarinadas – o SOM do clarim é VERMELHO (sensação auditiva e visual)  
Insolúvel flautim – que não se DISSOLVE o SOM (sensação tátil e auditiva)  
As cores do meu desejo – o DESEJO tem uma COR (sensação visual e sentimental)  
Sonata cariciosa da água – uma MÚSICA da ÁGUA (sensação auditiva e visual/tátil)  
(Exemplos dados por Othon M. Garcia, retiradas de poemas de Carlos Drummond de Andrade)

Leitura de Apoio

Qual é o gosto da palavra “sinestesia” na literatura?

A palavra sinestesia vem do grego: “syn” tem o sentido de “união”, e “esthesia” significa “sensação”, ou seja, a união de diferentes sensações. O distúrbio faz com que o estímulo de um sentido cause reações em outro. Em *Alucinações Musicais – relatos sobre a música e o cérebro* (2007), o neurologista Oliver Sacks explica que a sinestesia, aparentemente, acompanha um grau incomum de ativação cruzada entre áreas do córtex sensitivo que, na maioria de nós, são funcionalmente diferentes. Essa ativação cruzada poderia basear-se em um excesso anatômico de conexões neurais entre diferentes áreas do cérebro. Em outras palavras, a maioria das pessoas recebe os estímulos externos e os processa em paralelo no cérebro, porém, nos cérebros dos sinestetas, os caminhos se cruzam, confundindo o processamento da informação.

O primeiro registro do distúrbio, na medicina, aconteceu em 1922, com uma criança de quatro anos. Já o primeiro relato descrevendo a sinestesia foi do filósofo inglês John Locke, em 1690. Em um ensaio sobre o entendimento humano, Locke narrou o caso de um cego que tentou representar os objetos visíveis e percebeu que a sonoridade emitida por uma trompa, para ele, tinha a tonalidade vermelha. Alguns historiadores, no entanto, afirmam que o primeiro registro seria do filósofo grego Aristóteles, que escreveu o paralelismo entre “aquilo que é agudo ou grave ao ouvido e aquilo que é áspero ou suave ao tato”.

Já foram catalogados mais de 60 tipos de sinestesia, mas as causas ainda são desconhecidas – sabe-se apenas que a genética tem influência. O distúrbio ocorre em quase 4% da população e, a mais comum, é o tipo “grafema-cor”, que se manifesta como uma ligação entre letras e cores, fazendo com que o indivíduo associe a letra “A” à cor vermelha, por exemplo. Por outro lado, existem os casos raros: recentemente, [em uma matéria publicada pela Vice](#), James Wannerton deu um relato um tanto atípico sobre sua relação sensorial com o mundo. Para cada palavra, James sentia um gosto diferente: por exemplo, a palavra “falar”, durante toda a sua vida, sempre teve gosto de bacon. Isso acontece quando a audição e paladar não funcionam separados um do outro, o que caracteriza a sinestesia léxico-gustativa.

Oliver Sacks aborda com mais ênfase a sinestesia musical, especialmente os efeitos de cor experimentados quando se escuta música. O autor exemplifica contando o caso do compositor contemporâneo Michael Torke, “profundamente influenciado por experiências com música colorida” (p. 168): “Desde que ele era pequeno, as cores têm

sido constantes e fixas, e aparecem espontaneamente. Nenhum esforço da vontade ou da imaginação pode mudá-las. Parecem-lhes completamente naturais e preordenadas. E são muito específicas. O sol menor, por exemplo, não é simplesmente ‘amarelo’, mas ‘amarelo ocre’. O ré menor é ‘como sílex, grafite’, o fá menor é ‘cor de terra acinzentada’ [...]” (p. 169).

A sinestesia é inerente à literatura, pois confere ao indivíduo uma capacidade de perceber com mais sensibilidade o que está ao seu redor, compartilhando em detalhes o que observa, utilizando expressões que poderiam ter saído de um livro de poemas. Não à toa, a palavra “sinestesia” também é utilizada, no meio literário, para se referir a uma figura de linguagem, conferindo originalidade, emotividade ou poeticidade ao discurso. É comum haver uma expressão para descrever contextos literários nas quais distintas imagens sensoriais se relacionam, podendo essas sensações ser físicas (paladar, audição, visão, olfato e tato) ou psicológicas (subjetivas). É uma espécie de metáfora. Exemplo: a expressão “ruído áspero”, que relaciona dois sentidos, a audição e o tato.

Os escritores simbolistas expressavam suas ideias, sentimentos e valores de maneira implícita, propondo um retorno ao subjetivismo, à sugestão sensorial, em oposição à objetividade científica, ao materialismo predominante na Europa na metade do século 19. O simbolismo também se caracterizou pelo misticismo e religiosidade, o desejo de transcendência, pessimismo, interesse pelo inconsciente e subconsciente, por elementos da tradição romântica e assuntos como a morte e condição humana. Além da sinestesia, o movimento também usava símbolos, imagens, metáforas, recursos sonoros e cromáticos, com a finalidade de exprimir o mundo interior, intuitivo. A poesia era, ao mesmo tempo, afetiva e cognitiva. Como afirma Maria de Souza na dissertação *Sinestesia e indeterminação na poesia rimbaldiana traduzida para o português* (2009, p. 23-4):

Ao buscar o “eu profundo”, os simbolistas penetravam as camadas inconscientes anteriores à fala e à lógica, onde estão alojadas as experiências fluídas e vagas e que somente são reveladas por meio de devaneios e alucinações. Então, o problema dos simbolistas era exatamente como proceder para trazer essas vivências profundas para o plano consciente e buscar formas de exprimi-las e de comunicá-las. Os simbolistas acreditam no desregramento dos sentidos e da sexualidade, na liberdade de emoções e alucinações que liberam a imaginação. Então, “as palavras poéticas transformam-se em símbolos de vivências místicas e sensoriais, indizíveis, mas passíveis de ser evocadas, sugeridas por meio de metáforas, analogias e sinestesias.” (PLINVAL, 1978, p. 200).